

A IDENTIDADE DO PROFESSOR DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ENSINO FUNDAMENTAL PRIMEIRA FASE: PROFESSORA OU TIA?¹

Claudia Cristina Araújo.

Silvair Félix dos Santos.

RESUMO: O presente trabalho trata-se de um estudo reflexivo realizado a partir de uma indagação a respeito da real identidade do professor da educação infantil e do ensino fundamental primeira fase. O questionamento central está baseado na postura internalizada por estes sujeitos no sentido de se verem e serem vistos por seus alunos como tias ou tios, ou se realmente estes têm assumido a sua verdadeira identidade de professores que são. Para orientar esta reflexão buscou-se orientação bibliográfica em estudiosos da educação como Freire (1997); Soares (2000); Sota (2005), Figueiredo, Micarello, Sota (2005) além de entrevista realizada com professoras que atuam nesta etapa da educação. Finalmente, foi apresentada posições a cerca da formação da identidade do professor com o aporte dos teóricos já mencionados.

ABSTRACT: This work it is a reflective study from a question about the real identity of the teacher of kindergarten and elementary school first phase. The central question is based on the posture internalized by these subjects in order to see and be seen by his students as aunts or uncles, or actually they have assumed their true identity of teachers who are. To guide this reflection we sought guidance in literature education scholars as Freire (1997); Soares (2000); Sota (2005), and interview with teachers who work in this stage of education. Finally, it was presented positions about teacher identity formation with the contribution of theorists already mentioned.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade. Professor. Tia. Educação Infantil.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a identidade que os professores de educação infantil e ensino fundamental primeira fase vêm construindo de si mesmos, desde a sua formação na Universidade até a prática vivenciada na sua atuação enquanto professor. A postura que estes vêm assumindo em sala de aula e na sociedade será discutida neste texto com a intenção de focar sobre os efeitos ou implicações que tais comportamentos geram na construção de sua própria identidade e dos futuros professores que queiram ingressar nesta importante etapa da educação, e como estes se reconhecem na comunidade escolar e pela sociedade em geral. Para tal reflexão serão usadas como aporte teórico as cartas de Paulo

¹ Artigo apresentado ao Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Educação Escolar da Universidade Estadual de Goiás, como requisito parcial para a conclusão da disciplina Identidade na Formação e Atuação Docente, sob a orientação do Prof. Ms Silvair Felix.

Freire em seu livro “Professoras sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar”, quando ele faz algumas desconstruções em torno do tema “tia” ao invés de “professora” apontando uma ideologia sutil e intencional presente no termo, os escritos de Magda Soares no livro “Linguagem e Escola – Uma Perspectiva Social” também servirão de instrumento de leitura e análise para elucidar o assunto aqui discutido sem a pretensão de trazer respostas definitivas, mas apenas um ensaio para um pensamento reflexivo sobre um tema tão relevante para a aquisição de uma postura mais profissional e assertiva dos professores aqui delimitados da educação infantil e ensino fundamental primeira fase. Para empreender no assunto aqui abordado, inicialmente serão lançados olhares sobre como tem sido a formação desses profissionais no Brasil.

A formação dos professores de educação infantil e series iniciais garantidos por lei

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, ao reconhecer a Educação Infantil como etapa integrante da Educação Básica trouxe importantes implicações no perfil do profissional que atua nesse segmento. A lei aponta especificidades na formação docente para a educação básica, no entanto, não se exige totalmente que esses profissionais tenham habilitação específica no modulo de especialização para atuar nesta etapa,

Art. 61. Consideram-se profissionais da educação escolar básica os que, nela estando em efetivo exercício e tendo sido formados em cursos reconhecidos, são: I – professores habilitados em nível médio ou superior para a docência na educação infantil e nos ensinos fundamental e médio. (LDB,p.35)

destaca-se ainda como referencia os atos de cuidar e educar sendo conduzidos indissociavelmente. Segundo Figueiredo, Micarello e Barbosa (2005), a discussão sobre a formação dos profissionais que trabalham na Educação Infantil têm gerado muitos debates no meio acadêmico e político. Essas discussões estão ligadas às características, competências e saberes necessários ou almejados para os professores que atuam nessa faixa etária. Sobre a identidade deste profissional. Santos (2005) diz que nos últimos anos nasce a demanda de uma nova postura de adequação a um perfil diferente do que se tinha num passado recente, onde as instituições que recebiam crianças menores que 5 anos, tinham um perfil puramente assistencialista. Assim, a identidade desse professor foi sendo construída à sobra da figura materna. Se outrora esse trabalho estava intimamente ligado ao papel de mãe, implicitamente reforçava-se a ideia de que não havia necessidade de uma formação específica e mais consistente para a profissão. Com isso, a identidade desses profissionais têm carregado uma

herança de relação estreita com o senso comum de como fazer, totalmente despido do caráter profissional e competente a que se é exigido desta etapa ou qualquer outra etapa da educação.

Professora ou tia?

No Brasil, os alunos da Educação Infantil e das series iniciais do Ensino Fundamental 1ª fase tem o habito tradicionalmente adquirido de chamar seus professores ou professoras de tios ou tias. Trata-se de um tratamento carinhoso de alunos em relação a seus professores em geral. Para discutir melhor esse assunto, foi realizada uma entrevista simples com professores das etapas mencionadas anteriormente no texto para verificar como os profissionais de educação têm visto e se relacionado com esse tratamento por parte dos seus alunos. A entrevista constituía-se de apenas duas perguntas diretas que são as seguintes: seus alunos a chamam de tia ou professora? Como você se sente em relação ao tratamento dado a você? As perguntas foram enviadas a um grupo de 23 professores numa rede social na internet, apenas duas professoras responderam às questões. A professora “A” tem 23 anos de profissão e sempre atuou na docência com alunos do ensino fundamental 1ª fase, e respondeu da seguinte forma: *As crianças me chamam de tia. Isso não me incomoda. Pode usar qualquer tratamento desde que com respeito. Poderia ser qualquer tratamento, inclusive me chamar pelo nome. Desde que isso seja combinado e haja respeito entre nós.* As duas responderam que seus alunos as chamam de “tia”. A professora “B” deu a seguinte resposta: *As crianças me chamam de tia, não me incomoda de ser chamada assim, acho até que é uma forma carinhosa das crianças me tratarem. Elas ainda são muito pequenas para impor que me chamem de professora.* Percebe-se no discurso das duas professoras que se deram ao trabalho de responder a essas duas questões tão simples, e ao mesmo tempo imbuídas de um ideologia quem sabe intencional que, há um uma certa confusão sobre a identidade a ser assumida, elas estão ali porque se formaram num curso de Pedagogia, fizeram cursos variados na área da educação em geral, no entanto, se deixam ser vistas pelo seu educando como “tias”. Para amparar o pensamento aqui discutido sobre a identidade perdida, ou a ser construída do professor cita-se o pensamento de Paulo Freire que diz que,

Ensinar é profissão que envolve certa tarefa, certa *militância*, certa especificidade no seu cumprimento enquanto ser *tia* é viver uma relação de parentesco. Ser professora implica assumir uma profissão enquanto não se é *tia* por profissão. Se pode ser *tio* ou *tia* geograficamente ou afetivamente distante dos sobrinhos mas não se pode ser autenticamente *professora*, mesmo num trabalho a longa distância, “longe” dos alunos. (FREIRE,1997, p.9)

Na percepção de Freire o habito a décadas socialmente construído de associar a professora à um parente próximo e querido não é tão ingênuo como a maioria dos profissionais que atuam

na educação concebem. E sim um ato ideologicamente pensado com fins políticos. O ato do professor se identificar como tal em sala de aula se deve primeiramente ao fato de este ser no sentido mais amplo da palavra um profissional habilitado para tal tarefa e não no sentido de diminuir a figura da tia enquanto parente do aluno.

A recusa, a meu ver, se deve sobretudo a duas razões principais. De um lado, evitar uma compreensão distorcida da tarefa profissional da *professora*, de outro, desocultar a *sombra* ideológica repousando manhosamente na intimidade da falsa identificação. Identificar *professora* com *tia*, o que foi e vem sendo ainda enfatizado, sobretudo na rede privada em todo o país, quase como proclamar que *professoras*, como boas *tias*, não devem brigar, não devem rebelar-se, não devem fazer greve. Quem já viu dez mil “*tias*” fazendo greve, sacrificando seus *sobrinhos*, prejudicando-os no seu aprendizado? E essa ideologia que toma o protesto necessário da *professora* como manifestação de seu desamor aos alunos, de sua irresponsabilidade de *tias*, se constitui como ponto central em que se apoia grande parte das famílias com filhos em escolas privadas. Mas também ocorre com famílias de crianças de escolas públicas. (FREIRE, 1997, p.9)

Pode-se perceber que a identidade destes profissionais vem sendo socialmente distorcida. Essa distorção só é possível quando não se tem uma identidade estabelecida, assumida com coragem e segurança. Nas falas das duas professoras que responderam às questões anteriormente apresentadas, é possível perceber que há uma aceitação identitária passiva, sem considerações do que se está estabelecido ideologicamente por trás dos hábitos já adquiridos por parte dos alunos. Se assumir como “professora” e não como “tia” pode assemelhar-se até como um comportamento altivo e imbuído de presunção ou altivez. Pois na fala da professora “B” é uma ato de carinho e impor-lhes outro tratamento é algo muito complicado para crianças tão pequenas. Conforme Freire (1997, p.10) a ideologia do poder não apenas *opaciza* a realidade, mas também nos torna *míopes*, para não ver claramente a realidade. O seu poder é domesticante e nos deixa, quando tocados e deformados por ele, ambíguos e indecisos. Intrigantemente, os professores são os únicos que se aceitam num perfil diferente do que realmente são. Médicos e advogados são reconhecidos e denominados pela sociedade em geral de “doutores” quando muitas vezes nem o são ainda. Juízes fazem questão de serem tratados com o rigor que a profissão exige. No entanto, curiosamente não ocorre assim com os professores. Seria uma indiferença ou uma crise de identidade? Como foi dito na introdução deste texto, não se pretende aqui dar respostas, e sim muito mais fazer perguntas. O que não se pode ignorar é o fato de que no esforço de superar certas heranças culturalmente estabelecidas, que repetindo de geração em geração, nos dão a impressão de que estão petrificadas, porem, elas existem e estão enxertadas nas relações dos educadores e educandos brasileiros.

Re-construção de uma identidade

Para efetivamente re-construir uma identidade mais próxima da profissão professor, faz-se necessário primeiramente tomar conhecimento das heranças recebidas e concebidas culturalmente. O reconhecimento delas é o elemento primordial de esforço rumo a uma reconstrução mais efetiva da identidade do professor. Tal reconstrução se faz relevante não apenas para a categoria, mas principalmente para as futuras gerações de professores. É um legado a ser ofertado. Estudos apontam que os jovens estão cada vez mais desanimados em relação a esta profissão. São vários os fatores que levam a esse desanimo, dentre eles pode ser que esteja a crise de identidade ou a anulação da mesma que vem sendo repetida a muitas décadas.

Construir uma identidade implica a definição do “eu”, quais os valores de que está imbuído, quais as suas representações do real, quais as suas memórias e as suas expectativas em relação ao futuro. A identidade individual desenvolve, em primeiro lugar, uma concepção de si mesmo, dos outros e de si em relação com os outros. Desenvolve-se na interação entre o indivíduo e a sociedade, num permanente jogo de identificação com os outros e diferenciação em relação a eles. Dessa relação resulta que a identidade é mutável, dinâmica, sendo, no entanto responsável pela estabilização, psicológica e social, e localização do sujeito, no seu espaço e no seu tempo. (SOTA,2005,p..76)

Finalmente entende-se que o processo de construção ou reconstrução da identidade do sujeito, se dá por meio da desconstrução primeiramente. Desconstrução de velhos paradigmas, de valores e comportamentos herdados de outros, e principalmente, da disposição de permanente busca e aperfeiçoamento de si mesmo enquanto pessoa e enquanto personagem do cenário da educação brasileira.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Professoras sim, tia não: Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Olho d’água, 1997.

SOTA, Antonio Joaquim., A Escola e a Escolarização em Portugal:

Representações dos Imigrantes da Europa de Leste. Dissertação (Mestrado em Relações Interculturais) – Universidade Aberta.Lisboa, 2005

FIGUEIREDO,F.; MICARELLO, H.; BARBOSA, S.N. Autonomia de Professores da Educação Infantil: “a coisa vira e o professor se vira”. In: KRAMER,S. Profissionais da Educação Infantil: gestão e formação. São Paulo: Atica, 2005.